

Luto

Travessia possível

Daniela Pupo Bianchi
Patrícia Barrachina Camps

[ORGS.]

LUTO – TRAVESSIA POSSÍVEL

Copyright © 2023 by autoras

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Revisão: **Júlia Rodrigues e Mariana Marcoantonio**

Capa: **Luísa Gimenez**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
MYRIAN BOVE FERNANDES	
<i>Apresentação</i>	15
DANIELA PUPO BIANCHI E PATRÍCIA BARRACHINA CAMPS	
1 O processo de luto — Uma visão gestáltica.....	17
PATRÍCIA BARRACHINA CAMPS E MARIA HELENA PEREIRA FRANCO	
2 O atendimento clínico no contexto pandêmico — Conhecendo o Núcleo Paulista de Atendimento a Pessoas em Luto	33
ALEXSSANDRA FREITAS, CAROLINA FREIRE GERON, MARTA REGINA MONTEIRO DE SOUZA, PATRÍCIA BARRACHINA CAMPS, RENATA R. RANIERI E ROSILENE VIANA ZUZA AMORIM	
3 Luto — A clínica da delicadeza	45
DANIELA PUPO BIANCHI	
4 Quando um ente querido está morrendo — Reflexões sobre cuidados paliativos, luto e espiritualidade	63
IZABELA A. DE A. GUEDES E MARIA HELENA PEREIRA FRANCO	
5 A concepção infantil sobre a morte e o processo de desenvolvimento	89
IDA KUBLIKOWSKI	
6 Pensando a importância dos rituais de despedida.....	111
CAROLINA FREIRE GERON	

7	O amor fraternal — Luto pelo rompimento ou arrefecimento de vínculos de amizade	127
----------	--	-----

ESTHER HWANG

8	Céu e inferno — O amor e a dor com a quebra do mito “até que a morte nos separe”	147
----------	---	-----

SYLVIA HELENA A. DA PONTE ACÁRIO, PRISCILA MOROZETTI JARRÓ

E JULIANA SALES CORREIA

PREFÁCIO

Um dos propósitos do Instituto Gestalt de São Paulo (IGSP) é oferecer um lugar de inovação e desenvolvimento de perspectivas no estudo e na aplicação das várias vertentes da abordagem gestáltica nos múltiplos campos da atividade humana, sobretudo para a saúde e a educação. Portanto, foi com muita alegria que recebi o convite para escrever este prefácio, representando o instituto que abriga este projeto.

Esta obra é fruto de anos de estudo dos seus autores, que compartilham sua prática e seu conhecimento ministrando cursos de aperfeiçoamento no trabalho de atendimento psicológico aos enlutados. O IGSP se orgulha de ter acolhido e oferecido o suporte para que as idealizadoras do projeto, Daniela Pupo Bianchi e Patrícia Barrachina Camps, desenvolvessem o curso que se afirmou, se destacou e se ampliou para constituir um núcleo no IGSP: o Núcleo Paulista de Atendimento a Pessoas em Luto (NPAPL), coordenado por Patrícia. Esse núcleo engloba o curso “Luto: travessia possível”, pesquisas na área e atendimento clínico a pessoas que perderam seus entes queridos — a clínica da delicadeza, como lindamente Alessandra Freitas, Carolina Geron, Marta R. M. de Souza, Patrícia Camps, Renata R. Ranieri e Rosilene Amorim descrevem no segundo capítulo desta obra. As autoras relatam a história do núcleo desde a sua idealização para atender os enlutados por covid-19 durante a pandemia. Trazem uma compreensão gestáltica do processo de luto, aliada à

consciência de que o encontro com a morte desperta sentimentos, sofrimentos e angústias que merecem cuidados específicos para que novas aprendizagens possam emergir e conferir novos sentidos ao viver e ao existir.

A leitura do primeiro capítulo me remeteu a lembranças ligadas ao tema. Eu já era estudante de Psicologia quando meu avô paterno faleceu. Sou privilegiada, pois ele foi a primeira pessoa significativa e mais próxima que vi morrer. Minha mãe, com a sabedoria dos antigos, levou minha avó para passar um tempo em nossa casa, até que estivesse mais fortalecida. Foi um tempo marcante, no qual pudemos apreciar o contraste de viver em uma atmosfera ora pesada, impregnada de tristeza, ora suave, regada a uma convivência doce, em que trocávamos receitas culinárias, ideias sobre cremes de beleza ou jogávamos conversa fora. Nesse momento, pude me aproximar da minha avó como nunca fizera antes. Ao ler o primeiro capítulo do livro, fui capaz de compreender e nomear muito do que se passou naquele tempo. Com imensa delicadeza, Patrícia Camps e Maria Helena Pereira Franco descrevem essa travessia. O contato entre os membros da família se estreitou e ofereceu o devido suporte para que se pudesse reconfigurar o campo que havia mudado abruptamente. A atitude de minha mãe permitiu que pudéssemos oferecer um heterossuporte até que minha avó se reorganizasse, se fortalecesse e recuperasse seu autossuporte diante daquela condição tão difícil. Seguindo o processo do luto, ela pôde, enfim, voltar para sua casa e seguir a vida... buscando, talvez, novos sentidos para viver. É nesse clima que as autoras discorrem sobre um tema tão delicado, que leva o leitor a entrar em contato com suas experiências e memórias e o convida a abrir o coração para acolher o enlutado e tecer conexões entre a experiência e a teoria, ampliando seu conhecimento de forma empática e compreensiva.

No terceiro capítulo, “Luto — A clínica da delicadeza”, Daniela Pupo Bianchi afirma que “a morte de alguém próximo remete ao próprio diálogo existencial sobre o morrer; implica pensar na vida como finita, nos sonhos como interrupções abruptas, nos vínculos como transformáveis, nas certezas como mutáveis e na segurança como transitória”. De maneira sensível, delicada e profunda, a autora traz aspectos da clínica do luto regados pelas importantes contribuições que a Gestalt-terapia oferece. Salienta a importância da relação dialógica fundamentada em Buber, que reconhece que o ser humano é por natureza relacional, e lembra que a Gestalt afirma que é no encontro que o ser humano “se desenvolve e promove a transformação do outro, em fluxo de crescimento e vir a ser”. Segundo Bianchi, na clínica do luto, a relação dialógica valoriza a qualidade do encontro entre terapeuta e cliente, e essa relação “torna-se morada para que a pessoa em sofrimento possa expressar sua dor, suas dúvidas e angústias”, alcançando assim o suporte necessário para atravessar o luto.

Daniela comove o leitor ao descrever encontros tão significativos no trabalho com pessoas enlutadas. Ressalta a escuta atenta e plena do terapeuta que se coloca a serviço do cliente e não só capta o conteúdo da sua narrativa como, estando centrado, presente para si mesmo e para o outro, se abre em sintonia para perceber a forma como o cliente traz seu relato. Eis a essência do que a autora denomina a clínica da delicadeza: um profundo respeito pelo sofrimento humano em sua experiência singular, marcado pelo encontro entre cliente e terapeuta — que oferece sua presença como suporte e testemunho para essa difícil travessia.

No quarto capítulo, intitulado “Quando um ente querido está morrendo — Reflexões sobre cuidados paliativos, luto e espiritualidade”, Izabela Guedes e Maria Helena Pereira

Franco afirmam que o diagnóstico de uma doença grave provoca um impacto em toda a família. Segundo as autoras, citando Coelho e Barbosa, 2017,¹ “o luto antecipatório é um processo adaptativo perante um adoecimento grave que representa perdas simbólicas e concretas, demandando do familiar envolvido uma construção de significados para essa experiência”. Nessas situações, os cuidados paliativos são de extrema importância. Eles existem quando “não há mais o que possa ser feito pela doença, mas há muito que se deve fazer pelo doente”. Aqui, as autoras atraem o leitor, que se deixa encantar pela possibilidade de encontrar beleza mesmo diante de uma situação tão difícil e extrema. Trazem o relato de pesquisa em uma prática transdisciplinar “na qual o tratamento atenda às necessidades singulares de cada paciente e de cada familiar, a partir das especificidades de cada processo de adoecimento”. Ressalto nesse capítulo as belas considerações que as autoras tecem sobre o tempo e a espiritualidade.

Em “A concepção infantil sobre a morte e o processo de desenvolvimento”, Ida Kublikowski faz questionamentos que provocam uma reflexão consistente sobre este tema tão complexo: a perda de pessoas significativas na infância, quando a identidade está sendo construída. Amplia o olhar para o sistema de relacionamentos que envolve não só a criança e sua família, mas também a cultura na qual se inserem. Apresenta vários conceitos sobre desenvolvimento infantil em diferentes abordagens psicológicas, tecendo uma reflexão crítica sobre eles, e descreve o desenvolvimento infantil como um processo multifacetado, realçando que

1. COELHO, A.; BARBOSA, A. “Family anticipatory grief: an integrative literature review”. *American Journal of Hospice and Palliative Care*, v. 34, n. 8, p. 774-85, 2017.

“a criança em desenvolvimento busca dar sentido ao seu mundo e aos fatos que nele ocorrem utilizando forças próprias e o apoio de adultos e iguais”.

A autora cita textos e estudos atuais sobre como a criança se relaciona com a morte que revolucionam a compreensão linear difundida anteriormente sobre a evolução do conceito de morte para a criança. Afirma que, “para compreender os processos de desenvolvimento na sociedade contemporânea, necessitamos modelos suficientemente sofisticados para abranger as forças interativas do desenvolvimento em múltiplos níveis”. Fica claro para o leitor a necessidade de desconstruir conceitos anteriores, observar, reorganizar o pensamento e se colocar disponível para entrar em contato com a experiência singular do encontro com cada criança quando esse tema se evidencia, fazendo como ela, abrindo nossas fronteiras para entrar em contato com o que é vivo, estranho e diferente!

A seguir, Carolina Geron nos brinda com o capítulo “Pensando a importância dos rituais de despedida”. Ela guia o leitor em uma visita à história dos rituais, e este se sente convidado a reformular seu comportamento e sua relação com os rituais de despedida, valorizando-os como uma forma de estreitar o contato entre as pessoas, completar *Gestalten* ou concluir ciclos.

Outro tema abordado nesta obra está no capítulo “O amor fraternal — Luto pelo rompimento ou arrefecimento de vínculos de amizade”, de Esther Hwang. Segundo a autora, estes são os lutos não reconhecidos: as mortes em vida — “a pessoa que está morta metaforicamente em nossa vida” está viva fisicamente. Hwang leva o leitor a um mergulho profundo no contato com nossas amizades, seus significados, suas preciosidades e com as sensações e os sentimentos ligados a essas perdas. No texto, ela aborda “essa imensurável riqueza

ocasionada pelo laço e desenlace da amizade”. A magia de suas palavras confere um estilo à sua linguagem que encanta o leitor, que se deixa enlevar pelos profundos meandros do relacionamento intersubjetivo e fraterno.

Seguindo esse mergulho no qual encontramos tanta beleza, é possível adentrar a passagem estreita da dor da perda, encontrar o seu valor, apropriar-se da experiência, aprender e... renascer, mesmo diante de tão distintas formas de rompimento. Concordo com Esther quando afirma que é a entrega ao outro, à experiência do amor da amizade, constituída por escolha, que leva à possibilidade do desapego. Laços e desenlaces fazem parte da vida e se alternam entre idas e vindas, encontros e distanciamentos, trocas constantes que fluem com os movimentos da natureza e do universo!

Esta obra traz também o capítulo “Céu e inferno — O amor e a dor com a quebra do mito ‘até que a morte nos separe’”, escrito por Sylvia Helena Acário, Priscila Morozetti e Juliana S. Correia, que enfoca a separação do casal na qual um dos parceiros acreditava que o vínculo amoroso perduraria ao longo da vida. Com base na teoria do apego de Bowlby, as autoras refletem sobre as várias complementaridades que podem levar ao rompimento do vínculo e sobre as várias respostas elaboradas de acordo com o modelo representacional desenvolvido por cada indivíduo desde sua infância. Colocam o terapeuta como a figura de apego segura que pode oferecer o suporte para a travessia do luto e a reorganização do campo em que os clientes vivem.

O livro abrange, portanto, diferentes aspectos sobre o viver e o morrer. Convida o leitor a mergulhar nos meandros da vida e da morte com muita delicadeza e envolvimento. Escrito por Gestalt-terapeutas e terapeutas sistêmicos, integra o sensível e o racional, o sofrimento e a estética. Aqui são contempladas as várias dimensões do luto. É uma obra

multifacetada que compõe um todo harmonioso, o que leva o leitor a conviver com diferentes olhares e maneiras diversas de interagir com o tema.

Diante de um contexto tão massificado, que, no dizer de Kublikowski, esconde e escancara a finitude e a morte, pensar em estreitar o contato com essa passagem e resgatar a dignidade da pessoa que atravessa o luto a partir da clínica da atenção, do cuidado e da delicadeza é um ato de coragem e uma importante contribuição para a Gestalt-terapia, para a psicologia e para o resgate da nossa humanidade.

Boa leitura!

MYRIAN BOVE FERNANDES
Gestalt-terapeuta, coordenadora e docente
do Instituto Gestalt de São Paulo (IGSP)

APRESENTAÇÃO

DANIELA PUPO BIANCHI

PATRÍCIA BARRACHINA CAMPS

Querido leitor, querida leitora,

Esta obra é resultado da profunda e amorosa colaboração de pessoas que dedicam sua vida ao estudo e ao cuidado de pessoas enlutadas.

Queremos convidar você a estar conosco nesta travessia, possível porque permeada de afeto, lugar seguro para moradia de humanos que necessitam repouso para restaurar seus sofrimentos.

Se você buscou esta obra, provavelmente está sensível ao tema da morte e do morrer. Ser um profissional ou uma pessoa que quer aprofundar a compreensão do processo de luto não é tarefa fácil, e ficamos felizes por ser companhia nesse percurso.

O livro nasceu de um curso de mesmo nome hospedado no Instituto Gestalt de São Paulo (IGSP). Tal curso é resultado dos nossos esforços para contribuir com a comunidade gestáltica no desenvolvimento de fundamentos e discussões de prática clínica para acolhimento e trabalho com pessoas enlutadas.

E, como não seria diferente, ao longo do caminhar, várias pessoas especiais foram fundamento, companhia e parceria. Esses queridos afetos compõem esta obra com artigos sensíveis e profundos, que poderão contribuir para o seu crescimento profissional e pessoal.

Esperamos que sua travessia seja tão transformadora quanto foi a nossa. Se isso acontecer, teremos alcançado nosso desejo: ser comunidade de destino.

Boa leitura.



O PROCESSO DE LUTO — UMA VISÃO GESTÁLTICA

PATRÍCIA BARRACHINA CAMPS

MARIA HELENA PEREIRA FRANCO

Na verdade, a Morte nunca fala sobre si mesma. Ela sempre nos fala sobre aquilo que estamos fazendo com a própria Vida, as perdas, os sonhos que não sonhamos, os riscos que não tomamos (por medo), os suicídios lentos que perpetrados. Embora a gente não saiba, a Morte fala com a voz do poeta. Porque é nele que as duas, a Vida e a Morte, encontram-se reconciliadas, conversam uma com a outra, e desta conversa surge a Beleza...

ALVES (2012)

SOBRE VIVER E MORRER

Este capítulo pretende oferecer uma possibilidade de compreensão gestáltica do processo de luto. Para tanto, falar sobre a morte é fundamental. A morte é a grande certeza, ainda que mistério: paira sobre ela a incerteza sobre quando a alcançaremos ou seremos alcançados. A morte suscita ainda questionamentos: para onde vamos, o que acontece depois que morremos, como morreremos.

A perda está inscrita na ontologia do ser humano; porém, por mais que seja condição indissociável da existência, muitas vezes é ocultada e perpassada por medos, mitos e angústias. Juliano e Felipe (2017, p. 19) expõem que “é difícil enfrentar a ameaça do desaparecimento de alguém a quem se ama”. A negação do trágico e o apelo ao belo são marcas contemporâneas da sociedade: negar a morte, a tristeza, o pesar. Esse pode ser um fenômeno recorrente, visto que apropriar-se da

morte do outro traz também confronto com a própria finitude e a história de perdas ao longo da vida. A morte de uma pessoa amada pode ser vivida como uma presença ausente, falta, até mesmo como aniquilamento de uma parte de si.

Essa certeza pode constituir um sentido ao viver; é possível viver uma vida mais plena de significado por saber que a vida é finita, de forma que a morte confira um sentido (talvez mais amplo) à existência. Ainda assim, é importante destacar que as pessoas que não conseguem transitar entre olhar para o viver e para o morrer, fixando-se no medo da morte, se aprisionam em medo e angústias insustentáveis. Em *De frente para o sol* (2008), Yalom afirma que “não é fácil viver o tempo inteiramente atento à morte. Seria como se tentássemos olhar diretamente para o sol: existe um limite até o qual conseguimos suportar”. Olhar para a morte é também o encontro com o trágico da vida.

Para Cardella (2017), viver é um processo criativo. Desde o nascimento, são constituídas formas criativas de aprender a viver a cada nova fase, a cada novo momento. O ser humano é desafiado a se reinventar e apreender o mundo por meio de diversos olhares e a enfrentar os lutos pelas perdas simbólicas de cada uma dessas fases, ajustando-se criativamente às demandas e exigências de cada etapa do viver.

A infância inaugura o conhecer, o desbravar do mundo; é o tempo do espanto, da curiosidade. A criança tece vínculos afetivos com seus cuidadores, internalizando, a partir dessas matrizes relacionais, a segurança de sustentar seus ciclos, realizando ajustamentos criativos em busca de satisfazer suas necessidades e constituindo seu autossuporte.

No adolescer, novos caminhos são trilhados — amizades, amores e decepções, uma montanha-russa de emoções. Vive-se o luto pelo corpo infantil e pelo caminhar para a vida adulta. Não é, porém, mera transição. São muitos os